

Realismo & engajamento: a importância da mediação formal na elaboração poética afirmativa de Conceição Evaristo e Castro Alves

Realism & Engagement: The Importance of Aesthetic Mediation in the Affirmative Poetic Elaboration by Conceição Evaristo and Castro Alves

Bárbara Del Rio

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) | Belo Horizonte | MG | Brasil
barbaradelrio@cefetmg.br
<https://orcid.org/0000-0001-5415-6981>

Resumo: Esse artigo tem o objetivo de estabelecer uma relação entre os poemas “Mãe do cativo” e “Vozes-mulheres” acerca das estratégias formais para a configuração temática do negro e da figura feminina. Deste modo, nos cercaremos dos conceitos de engajamento, literatura empenhada e literatura panfletária para discorrer sobre como a arte capta aspectos sociais e históricos, promovendo reflexões que, muitas vezes, contrastam com a performance dos escritores, sendo essa última mais grandiloquente que a primeira. Assim, a estruturação e a forma do poema, por não serem imediatistas, evidenciam um aspecto mais conciliador, característicos da formação nacional, sendo, portanto, mais realistas, capazes de mimetizar a totalidade e suas deformações, se comparadas às experiências individuais dos poetas.

Palavras-chave: realismo; engajamento; Conceição Evaristo; Castro Alves.

Abstract: This paper has a proposal to establish a relation between the poems “Mãe do cativo” and “Vozes-mulheres” about the formal strategies to the thematic configuration of black and feminine figures. In this way, we will surround with the concepts of engagement, committed literature and pamphlet literature to discuss how art captures social and historical aspect, promoting reflection that often contrast with the writer’s performance, the latter being more grandiloquent than the first. Thus, the structure and form of the poem,



as they are not immediate, demonstrate a conciliatory aspect, characteristic of national formation, and are therefore more realistic, able to represent the totality and its deformations, compared to individual experience.

Keywords: realism; engagement; Conceição Evaristo; Castro Alves.

Literatura realista: forma artística como reflexão sobre a realidade

Ao discorrer sobre Realismo e sobre a forma artística como representação do mundo, é imprescindível consultar as contribuições de Gyorgy Lukács. Ainda que as análises e afirmações estejam perpassadas por um viés ideológico aguçadamente marxista, aspecto que se pode explicar facilmente pela questão histórica e biográfica, o pensamento do húngaro é a base no empreendimento da discussão entre arte e sociedade.

Opondo-se à estética hegeliana, Lukács se atem à abordagem materialista demarcando a necessidade de ter como horizonte uma dialética histórica das categorias estéticas. Assim, critica a ideia de espírito absoluto como um grau de intuição e representação e coloca no centro da conversa a luta de classes, deixando de lado o idealismo na medida em que observa a realidade objetiva como elemento amalgamado, mas independente da consciência intuitiva humana:

somente a dialética materialista – que à diferença de Hegel, faz do trabalho material real, não do trabalho abstratamente espiritual, a base da humanização e da evolução do homem – pode expressar correta e cientificamente a realidade também no campo estético. Somente esta filosofia pode captar corretamente a objetividade social de cada estado do mundo, o papel da atividade do homem na gênese e no desenvolvimento da arte, sem criar uma separação falsa e rígida entre a relação do homem com a natureza e sua atividade social. [...] E pode fazê-lo porque a concepção marxista do trabalho apreende o intercâmbio da sociedade com a natureza, isto é, tanto a conexão das categorias do trabalho com seus pressupostos naturais quanto a modificação desses pressupostos em relação com o desenvolvimento social do trabalho (Lukács, 2011, p. 71).

O trabalho do teórico contempla, portanto, pensar a conexão necessária entre a civilização e a arte literária, tentando explicar as formas da segunda pela estrutura da primeira em momentos diversos do desenvolvimento. Nesse sentido, apesar de compreender que os escritores modernos rompem com o modelo em direção a um espírito livre de criação, entende que esse fenômeno está atrelado às múltiplas determinações históricas que possibilitam, nesse sentido, não perder de vista a totalidade que une o ser e a natureza. A arte literária é, então, trabalho realizado ao mesmo tempo pela história humana e marcado pela evidência da totalidade que também estaria no âmago da atividade criadora individual. Há uma relação de sedimentação de formas assim como uma relação ente particularidade e totalidade social.

Isto posto, Lukács compreende como “realistas todas as obras que guardam essa noção de realidade humana concreta transferida para o meio imaginante da linguagem” (Bordini,

2003, p. 57). Nessa toada, torna-se importante a noção de estruturação e forma para essa representação mimeticamente artística: estruturação é a rede de elementos internos de uma obra literária e também externos a ela, que produz a significação como um processo sempre em construção, dependendo das interações sociedade-indivíduo, história-História. Já forma é real concreto, materialidade do mundo, emoções humanas que atuam na luta pela vida. Pode-se dizer, assim, que a estruturação contempla e conforma a forma, revelando, sobretudo, a utopia de que a arte literária possa devolver ao público a imagem de si mesmo na luta de classe, trabalhada na fantasia que deflagrasse um quadro mais nítido da existência, desnudando os conflitos da ideologia alienante.

Essa relação entre estrutura e forma realista nos conduz à intenção de que a arte seja sempre um modo de reflexão da vida, uma forma de aperfeiçoamento humano e da humanidade. Obviamente, a estrutura literária é autônoma e deformativa, mas é imprescindível que ela seja esclarecedora do real, atuando no processo de humanização e expondo os conflitos sociais. Distante de um materialismo mecanicista e também do idealismo espiritualoso, o realismo lukacsiano, de que estamos tratando, se vale da convicção marxista de que “os méritos de uma obra literária devem ser julgados sempre pelos seus valores intrínsecos, em detrimento da sua eficácia propagandística” (Vedda *apud* Cotrim, 2016, p. 13). Isso se torna interessante na medida em que a figura dos escritores não precisa reagir à esquerda para ser crítico à sociedade opressora. Inclusive, há muitos na esfera conservadora, cuja obra levava água ao moinho da consciência política na representação narrativa. Nesse sentido, é preciso reiterar que o personagem vive uma vida independente de seu criador. Saber disso ajuda a entender obras realistas, que conseguem representar com vivacidade o real e ilustrações rebaixadas que não respeitam a autonomia artística tampouco proporcionam reflexão acerca do objeto contemplado. Tornar a ideologia em uma forma artística é algo difícil e não está plenamente no controle da esfera da criação. Como Lukács evidenciou, a arte precisa ser encarada de modo menos subjetivo, isto é, menos atrelada à posição do escritor. Não é que ele não seja importante. Mas o critério de avaliação está na própria obra e como ela representa todas as intenções. Assim, a postura pessoal carece se tornar forma estética.

Nesse sentido, realismo artístico está associado à representação, não da imediaticidade, mas do engendramento essencial das forças motrizes da sociedade. Menos à luta de classe panfletária associada à intenção autoral subjetiva, mas mais no confronto da conformação artística, isto é, em traços individuais da obra, tal como na estilística das personagens e do narrador, por exemplo. Esse é o motivo cabalmente revelador, pois de boa intenção..., digamos, por assim dizer, que esse nosso mundo está cheio.

Engajamento é conteúdo social sedimentado

Grande crítico literário, Antonio Candido discorreu sobre a literatura empenhada. Caracterizou-a como aquela comprometida com a história do seu país. É possível, acredito, uma aproximação desse conceito à discussão sobre a literatura realista na medida em que ambas estão preocupadas em como a estruturação do texto pode proporcionar a representação da forma, isto é, uma reflexão acerca da sociedade em suas etapas de desenvolvimento. No momento, nos cercaremos de examinar o que pode ser considerado como literatura empenhada e a diferença dessa para engajamento e panfletarismo.

Em *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido se propõe a analisar um sistema literário e cultural consciente da importância da função social e histórica. Nessa obra, discute-se qualidade estética proporcionada pela mediação de forma e conteúdo, e valoriza, sobretudo, o empenho, demonstrando que até os problemas estruturais são reveladores do processo formativo. Diferentemente de uma análise cronológica e histórica da literatura brasileira, amplamente realizada por diversos críticos literários, Candido procura uma dialética de momentos decisivos para entender como eles configuram e representam artisticamente a autenticidade nacional. Assim, reconhece nos arcades uma singularidade edificante “animados pelo desejo de construir uma literatura como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus” (Candido, 2009, p. 27). Conclui, portanto, que a literatura empenhada do século XIX “favoreceu a expressão de um conteúdo humano, bem significativo dos estados de espírito de uma sociedade que se estruturava em bases modernas” (Candido, 2009, p. 27).

Literatura empenhada é explicitada por Candido (2009) como um fenômeno que integra a disposição do espírito individual, historicamente do maior proveito, exprimindo certa encarnação literária do espírito nacional, redundando muitas vezes nos escritores em prejuízo e desnorteio, sob o aspecto estético. Percebo que o crítico discorre sobre empenho como sendo parte da obra e não necessariamente da postura do escritor. A luta política sem a mediação torna-se momentânea em seu elemento formal e prejudica a representação bem como o “exercício da fantasia” (Candido, 2009, p. 26).

É certo que, quando discorre a respeito da literatura empenhada, Candido associa o conceito ao movimento de formação da literatura, intimamente relacionado à nossa independência política. Ainda nesse contexto, o crítico esclarece sobre a necessidade de mediação para alcançar essa autenticidade e como isso independe da vontade do escritor. Aliás, tal situação pode acontecer inclusive em obras de qualidade parca na medida em que se tornam sintomáticas da realidade objetiva. Nesse aspecto, em outro momento, ainda que não se debruçasse sobre o conceito como fez Lukács, discorre sobre o realismo estético a partir da “coexistência de realismo e fantasia, documento e devaneio” (Candido, 2009, p. 27). Aqui, Candido permanece pedindo mediação na discussão da obra literária e aponta como isso é importante para figurar a relação entre arte e sociedade: “a integração dialética de forma e conteúdo, de arte e realidade, que possibilita ao elemento social constituir-se em elemento de estruturação da obra literária” (Candido, 2014, p. 13-14). Sendo assim, o aspecto empenhado da literatura está ligado ao conteúdo histórico e social. Esse, por sua vez, precisa estar conformado autonomamente na obra para fazer sentir a realidade: “a mensagem é inseparável do código, mas o código é a condição que assegura o seu efeito” (Candido, 2011, p. 178).

A literatura empenhada assume vicissitudes realistas na medida em que, pela configuração formal, evidencia o realismo como polo dialético da criação literária, concentrando a tendência para reproduzir nas obras os traços observados no mundo real – seja nas coisas, seja nas pessoas e nos sentimentos – junto do aspecto da fantasia, isto é, a tendência para inventar um mundo novo, diferente e muitas vezes oposto às leis do mundo real. Os autores e as modas literárias oscilam incessantemente, e é de sua combinação mais ou menos variada que se faz a literatura (Candido, 2011, p. 94).

Em *Realidade e realismo*, Antonio Candido conseguiu contemplar, em perspectivas diversas, a relação entre sociedade, política, cultura, biografia conformada pela estética. Para isso, ele lança mão da base interpretativa realista que seria uma espécie de síntese inventiva de uma visão integrada, conseguindo alcançar pela figuração estrutural o movimento da his-

tória. Assim, conclui: “o problema da realidade na obra literária não depende, no fundo, da aparência, das camadas superficiais da obra e do que ela apresenta, mas da profundidade”. Percebo que essa discussão tem a ver com a verossimilhança, mas é muito maior e mais profundo. A literatura realista é empenhada na representação das forças sociais sedimentadas ao texto. Isso faz sentir o real de maneira mais convincente do que as narrativas que buscam o sentimento da realidade mediante a função referencial.

Aqui, o mestre deixa claro que o engajamento concernente à humanização e ao apelo político precisa estar no texto. Assim, reitera os riscos do engajamento virar panfletarismo na medida em que o viés social não se transforma em estrutura estética e aparece para venda da obra, projeção do escritor entre outras causas:

Cada época tem os seus tipos de engajamento, e a nossa requer sem dúvida o avivamento da consciência política. O intelectual tem necessidade e obrigação de refletir contra para preservar posições. Tem que criticar uma situação da qual discorda profundamente. Por um lado isso é muito bom, mas do outro pode desviar as energias dos estudos específicos e perturbar a visão (Candido, 1974, p. 3).

Atento ao mercado editorial que orienta o juízo crítico, catalisando informações e normalizando uma série de aspirações, Candido discorreu sobre o *boom* de publicações em 1930 e chamou atenção para o favoritismo de uma literatura panfletária. A avaliação reflexiva do estudioso é importante, ainda que esteja relacionada a um outro momento, para reforçar que a representação cultural artística de grupos excluídos tem a sua validade como denúncia, porém esse aspecto pode sofrer “rotinização” absorvida pelo mercado como um nicho de consumo, longe de promover conscientização e mudança efetiva:

De maneira geral a repercussão do movimento revolucionário de 1930 na cultura foi positiva. Comparada com a de antes, a situação nova representou grande progresso, embora tenha sido pouco em face do que se esperaria de uma verdadeira revolução. Se pensarmos no ‘povo pobre’, ou seja, a maioria absoluta da nação, foi quase nada (Candido, 2011, p. 234).

Nesse sentido, além de discorrer sobre a representação crítica do chamado romance do nordeste, considerado o romance por excelência, sobretudo por buscar expor radicalmente os dramas como análise do que como transformação, Candido reflete sobre o panfletarismo temático e revela como isso muitas vezes alijou o próprio desenvolvimento de técnicas já que o conteúdo representativo se dispersava da forma:

a preocupação absorvente com os problemas (da mente, da alma, da sociedade) levou muitas vezes a certo desdém pela elaboração formal, o que foi negativo. Posto em absoluto primeiro plano, o problema podia relegar para segundo a sua organização estética (Candido, 2011, p. 237).

Nesse ponto é que Candido arremata o raciocínio mostrando que existe sim atuação ideológica, que coopta intelectuais para o Estado ou para o mercado, mas, paralelamente a isso, a representatividade e o engajamento precisam se sustentar na obra, isto é, não só pelo conteúdo ou pela postura do escritor, mas, sobretudo pela forma. A condição para que se esta-

beleça o viés crítico está dentro da obra, na fusão válida entre a matéria com os requisitos da fatura: “O que houve mais foi a preocupação de discutir a pertinência dos temas e das atitudes ideológicas, quase ninguém percebendo como uma coisa e outra dependem da elaboração formal (estrutural e estilística) chave do acerto em arte e literatura” (Candido, 2011, p. 238).

“Mãe do cativo” & “Vozes-mulheres”: autores performaticamente politizados, escrita diferentemente engajada

Para melhor compreender a representação realista e sua característica engajada, optamos por analisar dois poemas de contextos diferentes, sendo um novecentista e outro contemporâneo.¹ Almeja-se investigar a estética desses textos para compreender a autenticidade da poesia que revela contradições e limites no ato de representação e dramaticidade. A interpretação é referente a dois poemas cujos autores se destacam pela performatização. Isso significa que ambos expressam a poesia sob uma perspectiva cênica acionando a confluência ato-espaco-tempo. Além disso, esses escritores se ligaram a movimentos políticos nacionalmente desafiadores em que a imagem pessoal ganhou projeção assim como seus escritos. A forma do texto traz aspectos dessa postura, mas não só. Afinal, como fora afirmado, a autonomia do texto literário se apoia no escritor e sempre consegue ir além.

Importante destacar que esses textos nos oportunizarão a compreender o processo de dialética na representação, já que, quanto mais panfletário se tornam, mais perdem a fantasia e a sedimentação formal. Muitas vezes, a vontade de engajamento apaga até mesmo a luta de classe, esboçando parcamente temas socialmente relevantes que são jogados no mercado editorial. Nesse sentido, uma reflexão importante trazida por Theodor Adorno se faz necessária:

Poderíamos dizer que, no instante em que a dialética é praticada como um tipo de ofício manual, tal como se estivéssemos seguindo uma receita e, portanto, quando está, enquanto método, sendo manipulada, que então ela já terá se convertido necessariamente em inverdade [...] Pois, de fato, pensar de modo dialético significa justamente pensar por rupturas, por assim dizer. E isso significa pensar de tal maneira que o conceito encontre em cada caso sua crítica, num sentido enfático, por meio daquilo que ele pretende ter compreendido sob si que, de modo inverso, a mera facticidade seja justamente medida a partir do seu próprio conceito (Adorno, 2022, p. 168).

O filósofo da escola de Frankfurt chama atenção para a complexidade do método dialético na representação esboçando que, quanto mais perto se fica dos conceitos, mais distorcido está o fenômeno da mimese e, por consequência, mais próximo e condenado ao

¹ A discussão sobre o que seja contemporâneo ou uma definição cronológica e histórica a respeito dos escritos concernentes a esse momento é profunda e cabe inúmeras perspectivas até mesmo de ordem filosófica. Neste artigo, caracterizamos o poema “Vozes-Mulheres” como contemporâneo por se tratar de um texto presente em uma publicação de 2008, tendo em vista a consideração de Regina Dalcastagné, ao analisar um *corpus* de obras de 1990 em diante, sobre tal designação; além de compreender que se trata de espaços em que os universais são profundamente questionados, cedendo espaço às particularidades (Dalcastagné, 2012, p. 102).

malogro da inautenticidade. Essa consideração é necessária na medida em que o panfletarismo é justamente a necessidade externa de incorporação temática à estrutura das obras sem o devido acabamento, sem uma preocupação objetivamente formal. A contradição que esses textos padecem será reveladora e poderá ser interpretada pela crítica literária. Nesse aspecto, se faz necessário compreender a organicidade da obra, que se relaciona a inúmeras instâncias, sendo o seu engajamento potente quando o combinado se faz autônomo e capaz de dizer sobre o real.

A aplicação mecânica temática não gera engajamento, mas sim panfletarismo e talvez populismo na projeção da figura autoral e da obra no mercado editorial. O enrijecimento do engajamento, a sua não sedimentação formal, impede a reflexão profunda e, ao invés da representação dialética revelar o impulso da contradição, dissolvem e expõem os elementos da luta de classe, coisificando-os, solidificando-os, tirando-lhes a vida e tornando-os imediatos.

A representação visa à dramaticidade, a compreensão do movimento das forças sociais e de suas intempéries. Quando o escritor salta por cima da obra, nas escolhas dos temas pressupostos, não deixamos de sentir a sociedade. Mas podemos nos desequilibrar e somente esse aspecto ser ressaltado, obliterando a dialética e perdendo a atuação da linguagem autônoma da literatura. O segredo para fechar essa conta está sempre na mediação.

Cabe aqui ainda uma consideração pertinente sobre como a indústria cultural² está presente na tematização engajada e panfletária. Esses aspectos foram incorporados pelo mercado editorial que solicitava ações emancipadoras, ainda que fossem discursivas. Como notado por Antonio Candido a respeito da literatura de 1930, a tópica engajada foi abraçada pelo consumo e, nesse sentido, os textos e seus autores trouxeram respostas, cada um à sua maneira. Todo contexto nos demonstra como “a cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 151). Isso quer dizer, portanto, que a cultura como mercadoria pode ocultar relações sociais de exploração do trabalho, além de criar necessidades humanas por força do lucro. Em contrapartida, nesse imbróglio, é possível captar contradições reveladoras e os limites da sua representação engajada, tudo através de muita pesquisa e exegese para de fato chegar a um juízo crítico.

A atenção aqui está voltada para a necessidade de revelação das contradições da representação dos textos. A fortuna crítica pode alcançá-la na medida em que o juízo não é refém somente do gosto, puro e simples. Ele se relaciona à avaliação que reconhece valores e se debruça em elaborar uma argumentação, diminuindo por fim o arbítrio. Obviamente, o esforço de verificação objetiva realizada pela fortuna crítica pode também flertar com a indústria, assim como ocorre com a produção das obras, de toda forma, isso apareceria

² O termo cunhado por Adorno e Horkheimer se contrapõe à “cultura de massa” e se relaciona à não existência de espontaneidade na produção e no consumo do bem cultural sob os ditames do Capitalismo Tardio. Na medida em que a cultura, superestrutura, se mostra condicionada à produção industrial, estrutura, elas passam a se retroalimentar conjuntamente. Nesse sentido, pode-se perceber a sofisticação da ideologização do capital a demonstrar que o que parecia um conceito se torna prática social reprodutiva do capital, nada comprometido com a humanização ou com aspectos progressistas transformadores. Rodrigo Duarte, estudioso da Teoria crítica da escola de Frankfurt, explica: “Tal denominação [Indústria Cultural] evoca a ideia, intencionalmente polêmica, de que a cultura deixou de ser uma decorrência espontânea da condição humana, na qual se expressaram tradicionalmente, em termos estéticos, seus anseios e projeções mais recônditos, para se tornar mais um campo de exploração econômica, administrado de cima para baixo e voltado apenas para os objetivos supramencionados de produzir lucros e de garantir adesão ao sistema capitalista por parte do público” (Duarte, 2007, p. 9).

como centro da explicação. Assim, perceberíamos como o critério reduziria a obra à linguagem ou à moda.

O esforço por entender o engajamento, comparando dois poemas de escritores diversos, está no interesse mediativo desses textos; diz respeito a como eles conformam a temática afirmativa, dando respostas formais e autênticas reveladoras de contradições. Concentramos os esforços mais na composição do que na figura dos escritores, ainda que reconheçamos a importância dessas pessoas, cada uma em seu momento. A força de observação se concentra, portanto, na disposição das palavras, seleção e invenção de imagens, no jogo de elementos expressivos, isto é, na fisionomia fisiológica do texto que incorpora os aspectos externos, não literários e os adensa.

Deste modo, a escolha parte de um lugar comum que são escritores performáticos e importantes na representação do negro e da mulher negra na literatura brasileira. Avançamos na operação de compreender as técnicas desses poemas bem como da complexidade temática que é desenvolvida. Nesse momento, o texto é o ator principal. Investigamos a formulação, a coerência interna, concebendo que:

interpretar é, em grande parte, usar a capacidade de arbítrio; sendo o texto uma pluralidade de significados virtuais, é definir o que se escolheu entre outros. A esse arbítrio o crítico junta a sua linguagem própria, as ideias e imagens que exprimem a sua visão, recobrando com elas o esqueleto do conhecimento objetivamente estabelecidos (Candido, 2009, p. 37).

O primeiro poema em análise, “Vozes-Mulheres”, foi extraído de *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). A autora é Maria da Conceição Evaristo de Brito, que dispensa apresentações na medida em que se torna um ícone midiático no final do século XXI pela produção engajada, sobretudo relacionada ao feminismo negro. A temática sugerida no próprio título é a perpetuação da ancestralidade, através das vozes femininas, reivindicando por liberdade:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

[...]

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
(Evaristo, 2008, p. 24)

Nesse constructo, enfatiza-se a voz do eu-lírico, que muitas vezes se confunde com a postura da própria escritora em associar a poesia ao processo de vivência. Aqui, a poesia registra as memórias e as vidas de mulheres em condições de subalternidade seja associada à escravidão, seja no processo de favelização e exclusão social:

A minha voz ainda
ecoar versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

O poema avança construindo uma genealogia feminina. A voz poética já expressa perplexidade e nomeia as faltas e sentimentos. Em um processo gradativo, diferentemente das antepassadas, a filha parece ter um protagonismo na medida em que sua voz “se fará ouvir a ressonância/ o eco da vida-liberdade”:

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

A escolha semântica das palavras do campo sonoro (eco, ressonância, voz, engasgada, garganta, voz, muda, calada) é sugestiva e ajuda na construção imagética da propagação de um grito, antes abafado e agora mais expansivo. Interessante notar que a filha sintetiza as demais expressões e nesse sentido faz surgir o questionamento: em que medida ela rompe com o sentimento engasgado, calado, mudo? Em que medida ela recolhe tal grito num eco perpétuo, ressonante a ponto de reunir o ontem-hoje-agora? A escolha pelas palavras ecoar – recolher – ressoar parece problematizar todo o protagonismo e transformação temporal na medida em que se conserva aquela voz oprimida, como se o engajamento, isto é, o ajuste só fosse possível de modo conciliatório.

O significado de ecoar traz a repetição como chave de leitura. O significado de recolher está associado a reunir, compilar, conformar o que nos faz questionar onde está o protagonismo e a capacidade de ruptura do tempo presente. Além disso, as forças sociais antes identificadas como “a favela” e “a obediência aos brancos-donos de tudo” desaparecem ao cabo do poema tornando a fala e o ato dificilmente representáveis à luta. Aqui, exclui-se a importância de se dizer enfaticamente contra o que se luta e como se busca a liberdade. Por fim, “ressoar” mantém a ideia da repercussão, mantendo a perspectiva de continuidade, isto é, relações que não soam o novo, mas soam de novo.

A voz é objeto e também sujeito desse poema, a ela se ligam todos os verbos e ações. Pode-se dizer que a estrutura de “Vozes-mulheres” performatizada em torno da voz muito revela da postura de Conceição Evaristo nas entrevistas. Ao distinguir a fala da escrita, a autora destaca a importância da “escrevivência” como um modo de se “apropriar as armas da casa grande”. Diz ainda sobre o risco da mercantilização do termo:

Então esse esvaziamento, ele pode acontecer, é algo que escapole. Corre o risco também desse termo virar um termo guarda-chuva que serve pra tudo. Mas ocorre, também, desse aparato teórico ser utilizado em produções que realmente se aproximam do termo, que guardam essa experiência histórica. [...] Mas a possibilidade desse termo também ganhar uma amplitude e se transformar em material ou suporte teórico em vários espaços – agora eu estou falando especificamente do espaço acadêmico, das experiências acadêmicas -, é muito bom também porque são pensamentos, é uma episteme nascida de experiência negra (Evaristo, 2021).

Nota-se, portanto, que existe uma tendência em pensar o engajamento dentro da hegemonia, ocupando espaços possíveis em busca da legitimação. Nisso, a autora reconhece que muitas vezes a voz do subalternizado é atravessada por aqueles que detêm poder para representá-la. Contudo, elas se afirmam ainda que dentro do sistema: “esses grupos chamados “periféricos”, essa juventude, está aí publicando por conta própria. [...] Eu não diria que quebraria com a hegemonia do capital das grandes editoras, mas causa frestas, vai comendo pelas beiradas [...] Porque é um jogo de mercado” (Evaristo, 2021).

Antônio Frederico de Castro Alves ganhou a alcunha de poeta-orador na medida em que declamava seus poemas em praça pública conclamando a luta em favor da abolição e da humanização dos negros no século XIX. A adesão ao movimento abolicionista, fez com que ganhasse também o epíteto de “poeta dos escravos”. Destaca-se aqui “A mãe do cativo” (1883) como lirismo combativo que busca romper com o mercado e com a própria ética burguesa, uma vez que sugere um novo parâmetro moral e de comportamento:

Ó mãe do cativo! que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

Ó mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na choça da palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.

O poema, que se divide em três partes, imprime imagens fortes e contrastantes. A figura materna é convidada para enterrar o próprio filho ou tecer-lhe a mortalha. Diante de um parâmetro radical, a consideração é pela morte ou pelo crime já que diante de um sistema desigual, a justiça será sempre tendenciosa para a manutenção da mesma ordem, portanto inexistente aos excluídos:

Não vês no futuro seu negro fadário,
Ó cega divina que cegas de amor?!
Ensina a teu filho — desonra, misérias,

A vida nos crimes — a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado...
Que de homem se torne sombrio reptíl.
Nem core de pejo, nem trema de raiva
Se a face lhe cortam com o látigo vil.

Arranca-o do leito... seu corpo habitue-se
Ao frio das noites, aos raios do sol.
Na vida — só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte — só cabe-lhe o roto lençol.

O trabalho com as imagens perpetua a ironia que choca e envolve o espectador. Somam-se a isso as interjeições e as rimas que sempre buscam construir um binômio entre vida e morte, sendo que a primeira resvala na segunda e, nesse sentido, um comportamento desfibrado e malandro, ao invés de um herói, seria mais adequado já que resistir é incorporar aquele sistema. Nesse aspecto, o engajamento se faz em vias negativas:

Ensina-o que morda... mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por baixo da chã
Que impávido veja seus pais desonrados,
Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
Trabalho que pagam com pútrido pão.
Depois que os amigos açoite no tronco...
Depois que adormeça co'o sono de um cão.

Criança — não trema dos transe de um mártir!
Mancebo — não sonhe delírios de amor!
Marido — que a esposa conduza sorrindo
Ao leito devasso do próprio senhor! ...

São estes os cantos que debes na terra
Ao mísero escravo somente ensinar.

A lição que se aplica é a da desfaçatez como forma de sobrevivência. Inclusive, o ensinamento irônico é pela aceitação ao trabalho, pela cultura do estupro, pela opressão. Essa aula que assemelha um entreguismo revela, pelo contrário, uma resistência de não aceitar meia justiça e conduzir de modo a colaborar com o sistema. O que parece covarde e resignado, na verdade, coloca-se como um grande gesto de coragem na medida em que sua fortaleza está na insurreição pela teimosia. O final do poema reforça a necessidade de uma ética diferenciada para os negros e termina como um aviso para as mães dos cativos: “Embala teu filho com essas cantigas.../Ou tece-lhe o pano da branca mortalha”. Isso mostra outra forma de engajamento, inclusive contrária à lógica vigente de um sistema que reforça a produção, o martírio e o heroísmo.

Alberto da Costa e Silva, ao escrever uma biografia ensaística do poeta, discorre sobre a relação de Castro Alves com os escravizados de maneira ambígua, uma vez que, sendo filho

de escravocrata, pertencendo à vida da casa grande, coloca-se a favor da abolição em um esquema brasileiro, que conhecemos como o favor.³ Assim, remonta aspectos onde o poeta lutava em prol da libertação, ainda que não houvesse um sistema econômico e político que abrigasse essa mão de obra recém-liberta, e revela certa contemplação daquelas pessoas como mercado consumidor e praticantes de trabalhos domésticos precários:

os abolicionistas deviam enfrentar diariamente problemas de consciência. Eram contrários a uma instituição que os forçava a depender dela, pois não logravam dar três passos sem usar escravos, já que toda a sociedade, no seu dia-a-dia, sobre eles se assentava. Para começar, suas casas dificilmente funcionaria sem eles, uma vez que por trabalho de escravo se tinham as tarefas domésticas: buscar água no poço, rachar lenha, recolher os penicos e capitães nas alcovas e limpá-los, após despejá-los nas caixas de retrete, lavar e passar roupas, varrer o chão, lustrar os móveis, arrumar as camas, cozinhar, servir ou fazer as compras da casa (Costa e Silva, 2006, p. 63).

“Vozes-mulheres” e “Mãe do cativo” são poemas distintos que tratam de temas semelhantes, como a perspectiva feminina associada à escravidão. Tanto um poema quanto o outro tem marco temporal distinto, sendo que o primeiro, contemporâneo, consegue alcançar uma discussão da escravidão moderna enquanto o segundo está associado ao romantismo brasileiro, especificamente ao condoreirismo. Ambos dispõem de autores reconhecidos pelas discussões políticas. São figuras condecoradas pela imprensa ou pelas editoras, seja em biografias, entrevistas ou história da literatura. Interessante compreender os limites desse engajamento na fatura dos poemas. Mais interessante ainda é refletir em que medida ocorre o encontro entre a performatização desses poetas e o lugar da recepção panfletária, levando em consideração que o engajamento e o panfletarismo estão nos autores, mas também são produzidos pela forma como a crítica e o mercado os recebem, ávidos pela temática social.

A comparação entre os poemas proporcionou a compreensão de que cada autor desenvolve trabalhos específicos com a linguagem e gera engajamentos distintos, sendo que o poema de Castro Alves está associado à escrita empenhada junto do processo de independência brasileira, discutido por Antonio Candido. No que concerne à estrutura, são representações diferentes em relação à luta, sendo possível perceber contradições interessantes que enfatizam o engajamento ou dele se distanciam. “Vozes-mulheres” parece protagonizar um grito de rompimento, mas existe ali uma integração ao sistema, ecoando e ressoando vozes sem emudecê-las. Há uma perspectiva ancestral se colocando que reforça uma designação mítica, cíclica, diferentemente do tempo histórico. Isso não invalida o engajamento, gera contradições que carecem de análise para entendermos a atuação das forças e dos atores desse lugar. Em “Mãe do cativo”, a passividade em buscar a morte é resignificada como modo de enfrentamento de um sistema em que a justiça não é possível. A aniquilação torna-se forma de humanização, ainda que seja de uma perspectiva negativa. Trata-se de ênfases distintas, sendo que a segunda (1883), ainda que às portas da abolição, não trouxe perspectivas positivas em relação ao futuro negro, enquanto “Vozes-mulheres” celebra o hoje e o agora, quando, pela voz da filha, “se fará ouvir a ressonância/o eco da vida liberdade”.

³ Ler Franco, M.S.C. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

Considerações finais

O engajamento pode ser sedimentado na forma artística de diversos modos; até mesmo a falta de historicidade de um texto pode revelar uma maneira ideológica de posicionamento. Isso porque o não engajamento pode ser também histórico e associado ao contexto. Nos textos analisados, pode-se perceber que, onde existe protagonismo, o engajamento se fazia tematicamente sem romper com a ordem, inclusive os elementos de opressão são retirados. Por sua vez, o poema romântico revela que a criação de uma ética contrária ao heroísmo pode ser um engajamento que aparenta ser passivo, mas corrói o sistema, que dificilmente operacionalizará justiça com igualdade. Nesse caso, é como se o suicídio fosse um modo de saída para vida e para humanidade, aspecto contraditório, mas que faz sentido na coesão da criação literária.

Diversamente, cada poema acessa à realidade e a representa diversamente. Ainda que pertençam a autores, cujas performances são conhecidas pela questão política, nada é mais enfático e representativo que as contradições da forma. Ela é um princípio ordenador, que regula o universo imaginário como um aspecto da realidade exterior, combinando o estímulo artístico e a investigação dos elementos sociais. Interessante é compreender como que, na fantasia individual, as forças sociais se estruturam, evidenciando que não é possível, em nenhum dos dois momentos, um ambiente revolucionário radical, muito pelo contrário: a luta ocorre como conciliação ou na esteira de colaboração do sistema como um modo de morte lenta, tudo isso a revelar o Brasil que se transforma sem abandonar o passado colonial e atrasado.

Assim, a forma do poema é reveladora e desnuda esse engajamento discursivo que é mais presente na figura autoral do que na poética. Além do mais, a relação dos poetas com as entrevistas e biografias é muito reveladora do funcionamento da cultura de mercado. O engajamento é visível assim como o panfletarismo tanto da parte dos escritores quanto da própria recepção; conciliatoriamente, há uma cooptação recíproca em nome da tendência e da moda, o que não significa mudança econômica, ainda que exista representação interessada pelos temas afirmativos. Assim, percebemos que a luta panfletária está na instância autoral e é também gerada pela crítica que os recebe, analisa e divulga tais textos e escritores. O jogo na sua síntese é pela sobrevivência conciliatória e a poesia desnuda isso de modo mais adensado, iluminando aspectos decisivos do real.

As poesias analisadas, ainda que representem momentos distintos, anunciam o Brasil conciliador. Utilizando estratégias diferentes e com engajamento peculiar, esses poemas dizem sobre um realismo específico que se pauta na estruturação de uma força da cordialidade e do favor, que, segundo Roberto Schwarz (1990), é nossa mediação universal, na medida em que o liberalismo, as conquistas burguesas não se anulam diante da realidade nacional, mas se fazem presentes de modo complexo, simultâneo e negativo. O que se nota nessa configuração histórica é um aspecto trágico na medida em que mantêm conjugadas as contradições de modo perpétuo e irresoluto. A forma artística capta e representa essa relação complexa e expõe as divergências do desenvolvimento do capitalismo e, como nesse sistema, a afirmação do negro e da mulher especificamente não anula a opressão. Trata-se de uma especificidade demonstradora de como o nosso progresso se apropria discursivamente das lutas sociais sem mexer significativamente nas estruturas.

Nesse sentido, José Murilo de Carvalho (1987) explica que a nossa República “não foi” na medida em que o povo ficou de fora do processo, como cidadãos inativos, fora do alcance do

Estado. Chama ainda atenção que esse processo excludente se iniciaria muito antes, durante a nossa formação colonial, quando, até mesmo, as premissas do nosso colonizador cercavam a família como elemento principal em detrimento do domínio político, meramente relegado a uma orientação alimentada por esse clã, construindo empregos públicos e um fisiologismo difícil de ser destituído. Ainda que existissem movimentos populares, isso se colocava como insuficiente para fundar uma comunidade política. O estudioso analisa a dificuldade de se fundar um sentimento de identidade nacional, que se agravou pela presença resistente das marcas da escravidão. Esse aspecto é importante na medida em que o processo abolicionista fora difícil de se consolidar uma vez que junto dele estava, contraditoriamente, a estrutura latifundiária e as linhas gerais do sistema europeu. Tudo isso acarretou o atraso tecnológico e na perpetuação de um caráter predatório e cíclico a que se destina a economia nacional, mesmo fora da estrutura colonial.

Antonio Carlos Mazzeo, ao dissertar sobre a burguesia nacional, que se arregimenta por parâmetros anômalos fora do trabalho, politicamente conservadores, ainda sedimentados e capitaneados por donos de terras e escravos, explica que não houve nenhuma ruptura real e salienta a impossibilidade de radicalizações. Até mesmo na pequena burguesia urbana, que promulgou a industrialização do país, não havia uma base social real que concretizasse as propostas desenvolvimentistas. Assim, lembra Caio Prado Jr:

Elas não se encontravam politicamente maduras para fazerem prevalecer suas reivindicações, nem as condições objetivas do país eram favoráveis para a sua libertação econômica e social. Daí, aliás, a descontinuidade e a falta de rumo seguro em seus movimentos, que, apesar da amplitude que por vezes atingem, não chegam nunca a propor reformas e soluções compatíveis com o que o país de fato necessita (Prado Jr *apud* Mazzeo, 2015, p. 82).

Essas inconsistências, advindas do nosso passado histórico, do nosso desenvolvimento desigual e combinado, migram e aparecem nas poesias, onde precisam ali ajustar as contas engajadamente. A forma é por vezes mais reveladora: por meio dela, percebemos a contradição, ainda que busquemos um engajamento performatizando discursos panfletários. O choque se faz presente na própria estrutura da obra literária. Faz-se presente na comparação da performance do escritor e da poesia. Faz-se presente ainda nas limitações das discussões a respeito dos temas – seja artístico, seja histórico social. Isso tudo acontece porque não se pode resolver um problema (social, histórico, de gênero, de classe, de etnia) por onde ele não começa. A arte é revolucionária, mas ela não faz revolução. Ela é política, mas ela está imersa à realidade e às questões que nos cercam, pois é feita por homens do seu tempo e do seu país.

Nesse sentido, as mudanças que discursivamente e performativamente parecem ser desejadas, não são viáveis apenas por palavras. Há múltiplas determinações que configuram inclusive tal engajamento, pois agora já sabemos que a pressão da ideologia liberal e democrática não rompe com o patronato político no Brasil. Historicamente, a resistência, através da cultura, não deixa de nos lembrar frustrantemente que:

o poder – a soberania nominalmente popular – tem donos, que não emanam da nação, da sociedade, da plebe ignara e pobre. [...] O Estado, pela cooptação sempre que possível, pela violência se necessário, resiste a todos os assaltos, reduzindo, nos seus conflitos, à conquista dos membros graduados. E o povo, palavra e

não realidade dos contestatários, que quer ele? Este oscila entre o parasitismo, a mobilização das passeatas sem participação política, e a nacionalização do poder, mais preocupados com os novos senhores, filhos do dinheiro e da subversão, do que com os comandantes do alto, paternos e, como bom príncipe, dispensários de justiça e proteção. A lei, retórica e elegante, não o interessa. A eleição, mesmo formalmente livre, lhe reserva a escolha entre opções que não formulou (Faoro, 2012, p. 837).

Referências

ADORNO, Theodor W. *Introdução à dialética*. Tradução de Erick Calheiros de Lima. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

ADORNO, Theodor. W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CASTRO ALVES, Antônio Frederico de. *Os escravos*. São Paulo: Martins, 1972.

BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Lukács e a literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. Realismo e realidade via Marcel Proust. In: *Recortes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, p.136-151.

CANDIDO, Antonio. Antonio Candido de Mello e Souza. Entrevista publicada na revista *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 1, n. 34, p. 9-23, 1974. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732011000300002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/mzNgpLHfYsgWY6fH6VpLyfK/?lang=pt>. Acesso em: 19 set. 2023.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. 2. ed. São Paulo: cia das letras, 2017.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. 3. ed. São Paulo: Cia das letras, 1987.

COSTA E SILVA, Alberto da. *Castro Alves: um poeta sempre jovem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DALCASTAGNE, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DUARTE, Rodrigo. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: a escritora negra reconstrói a história brasileira. [Entrevista cedida a] Morgani Guzzo. *Catarinas*. Disponível em: <https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escritora-negra-reconstrui-a-historia-brasileira/#:~:text=Ent%C3%A3o%20esse%20esvaziamento%2C%20ele%20pode,que%20guardam%20essa%20experi%C3%Aancia%20hist%C3%B3rica>. Acesso em: 19 set. 2023.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2012.

LUKÁCS, Gyorgy. *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1971*. 2. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

MAZZEO, Antonio Carlos. *Estado e burguesia no Brasil: origens da autocracia burguesa*. São Paulo: Boitempo, 2015.

NOVAIS, Fernando A. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

VEDDA, Miguel. Sobre a centralidade da ação e o realismo bem entendido. In: COTRIM, Ana. *Literatura e realismo em Gyorgy Lukács: os efeitos da inflexão marxista em suas ideias estéticas*. Porto Alegre: Zouk, 2016. p. 11-21.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.